ANAIS
Simpósio Internacional de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras
www.sielli.ueg.br
POSLLI
Universidade Estadual de Goiás
08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

DISCURSOS DE ÓDIO CONTRA POVOS INDÍGENAS NO BRASIL: OS GUAJAJARA

HATE SPEECHES AGAINST INDIGENOUS PEOPLES IN BRAZIL: THE GUAJAJARA

João Yure Santos Silva[1]

Resumo: o presente estudo tem como objetivo discutir os discursos de ódio contra indígenas Guajajara com base nas categorias analíticas da análise de discurso crítica (ADC), uma vez que conforme Fairclough (2001), o discurso é uma forma de ação, uma maneira como o indivíduo representa e age no mundo. Sendo assim, procura-se entender como os discursos de ódio estão constituídos nas práticas discursivas dos sujeitos e quais foram às motivações dos sujeitos para incitarem esse tipo de discurso. A ADC é um modelo teórico-metodológico que estuda o discurso na relação entre a linguagem e a sociedade, campo de estudo transdisciplinar, composto de análise linguística e análise social, procura desvelar relações assimétricas de poder. Os indígenas Guajajara de Barra do Corda ficam localizados no estado do Maranhão, além deles, existem outros indígenas Guajajara nas regiões dos rios Pindaré, Grajaú, Mearim e Zutiua, situadas no mesmo estado, é um dos povos indígenas mais numerosos do Brasil. O *corpus* deste trabalho é composto de transcrições de áudios que contêm discursos de ódio direcionados aos Guajajara, coletados por meio de uma notícia veiculada no site Amazônia Real. Verifica-se que na análise realizada das transcrições, os sujeitos estimulam discursos de ódio, que esses discursos estão englobados de ideologia e hegemonia sobre o outro inferiorizado, neste caso, os Guajajara. Portanto, é preciso ações punitivas mais eficazes para combater o discurso de ódio.

Palavras-chave: Discursos de ódio. Guajajara. ADC.

Abstract: the present study aims to hate speeches against Guajajara indigenous peoples based on the analytical categories of critical discourse analysis (ADC), since, according to Fairclough (2001), discourse is a form of action, a way in which the individual represents and acts in the world. Thus, we seek to understand how hate speeches are constituted in the discursive practices of the subjects and what were the subjects' motivations to incite this type of discourse. The ADC is a theoretical-methodological model that studies discourse in the relationship between language and society, a transdisciplinary field of study, composed of linguistic analysis and social analysis, which seeks to unveil asymmetrical power relations. The Guajajara Indians from Barra do Corda are located in the state of Maranhão, besides them, there are other Guajajara indigenous peoples in the regions of the Pindaré, Grajaú, Mearim and Zutiua rivers, located in the same state, they are one of the most numerous indigenous peoples in Brazil. The corpus of this work is composed of audio transcripts that contain hate speeches directed at the Guajajara, collected through a news published on the Amazônia Real website. It is verified that in the analysis of the transcripts, the subjects stimulate hate speeches,

1 Discente do Mestrado Acadêmico em Letras da Universidade Regional do Cariri – URCA. E-mail: joao.yure@urca.br.

that these speeches are encompassed by ideology and hegemony over the inferiorized other, in this case, the Guajajara. Therefore, more effective punitive action is needed to combat hate speech.

Key words: Hate speeches. Guajajara. ADC.

Introdução

Este estudo tem como objetivo analisar os discursos de ódio contra indígenas Guajajara a partir das categorias analíticas da análise de discurso crítica (ADC) com base na teoria e metodologia de Norman Fairclough, maior expoente da ADC. O modelo teórico-metodológico de Fairclough (2001), "a teoria social do discurso, se fundamenta no conceito de linguagem como componente essencial da sociedade que de forma dialética está inter-relacionada com outros componentes da vida social".

Conforme Varalli e Santos (2015), "o discurso de ódio é o discurso que expressa um sentimento de ódio, uma ideia de intolerância contra certos grupos, em sua grande parte grupos minoritários, desqualificando-os, inferiorizando-os simplesmente por fazerem parte de determinado grupo, gerado por preconceitos associados à raça, deficiência, nacionalidade, orientação sexual, religião, etnicidade, gênero, entre outros".

Entre os grupos minoritários que são vítimas de discursos de ódio estão os povos indígenas brasileiros, visto que são deixados à margem da sociedade, são constantemente discriminados pela sua história, raça e cultura. Por exemplo, o *corpus* de análise deste estudo, a comunidade indígena Guajajara de Barra do Corda, recebeu por meio de uma rede social vários áudios de pessoas desconhecidas com discursos de ódio.

Segundo o site Povos Indígenas no Brasil (2021), "os Guajajara são uma das populações indígenas com maior número de habitantes no Brasil. Eles estão espalhados em mais de 10 terras indígenas, situadas na margem oriental da Amazônia, no Maranhão. Além do termo Guajajara (que significa 'donos do cocar') para referir aos povos supracitados existe outra palavra Tenetehára (que significa 'somos os seres humanos verdadeiros'), no entanto, o termo mais usado tanto pelos próprios indígenas quanto pela comunidade científica é Guajajara". A principal atividade de sobrevivência dos Guajajara é a lavoura onde normalmente são plantados mandioca, feijão, fava, milho, arroz etc. No período da seca, entre

maio a novembro, os Guajajara fazem brocas, queimadas e limpezas nas terras para que nos meses de novembro a fevereiro realizem o plantio.

A análise de discurso crítica é uma teoria e metodologia que estabelece uma relação entre análise linguística e análise social, sendo assim, possui um caráter transdisciplinar. ADC por causa de suas diferentes abordagens investiga tantos textos especificamente linguísticos quantos textos multimodais. Essa teoria e metodologia analisa a linguagem em uso com objetivo de desvelar e combater relações assimétricas de poder, que são formados por meio de discursos que se tornam naturalizados, favorecendo certos grupos sociais.

O *corpus* deste estudo são compostos de transcrições de áudios que contêm discursos de ódio direcionados aos Guajajara do município Barra do Corda, coletados por meio de uma notícia[2] veiculada no site Amazônia Real. As transcrições foram realizadas de acordo com as normas de transcrição do Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta (Projeto NURC). Os perfis analisados estão preservados segundo a Lei Geral de Proteção de Dados (Lei nº. 13.709/2018). Além do mais, como os áudios foram publicados no site sem restrição de acesso não houve a necessidade desse estudo ser avaliado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa CEP/CONEP, segundo o parágrafo único do artigo primeiro da Resolução nº 510/2016, inciso II.

Por último, o procedimento técnico utilizado para atingir o propósito deste trabalho foi à pesquisa bibliográfica, uma vez que usou livros, artigos científicos e sites de pesquisadores(as) especialistas na temática em discussão, utilizou-se abordagem qualitativa, pois foram feitas interpretações das transcrições para compreender os discursos de ódio contra os Guajajara.

Indígenas Guajajara de Barra do Corda

Segundo informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) coletadas em 1971, “Manoel Rodrigues de Melo Uchoa é considerado o fundador do

2 Disponível em: https://amazoniareal.com.br/mal-enterraram-seus-parentes-guajajara-sofrem-ameacas-de-morte-pelas-redes-sociais-no-maranhao/. Acesso em: 18 jun. 2021.

município de Barra do Corda, localizado no Maranhão. Esse município se formou através do domínio dos povoados Canelas do tronco dos gês e Guajajaras, da linhagem Tupi". De acordo com os dados do IBGE de 2010, "a população dessa cidade é composta de 82.830 pessoas, das quais 24.428 fazem parte dos Guajajara, sendo Barra do Corda com o maior número de indígenas Guajajara, 3.432 nativos".

Conforme Barboza (2015), "na sua grande parte, as comunidades indígenas de Barra do Corda estão localizadas na beira da Rodovia 226/MA, consequentemente estão perto do centro urbano. Por isso, há um contato forte com a sociedade, uma vez que os Guajajara ficam na beira da rodovia vendendo seus artesanatos, pedindo pedágios dos veículos que transitam na estrada para o ponto central do comércio da cidade". Ademais, os Guajajara possuem uma cultura muito rica, sua língua nativa é chamada de língua Guajajara, eles denominam de ze`egete (que significa a fala boa), originada da família linguística Tupi-Guarani. Segundo Zannoni (1999), "esses indígenas consideram a religião associada ao sobrenatural onde os seres espirituais estão divididos em quatro espíritos: 1º) os espíritos que originaram o universo e ensinaram aos Guajajara ou Tenetehara o processo de produção da terra; 2º) os espíritos proprietários da floresta e das águas; 3º) os espíritos que foram mortos denominados Têko-kwêr; 4º) os espíritos advindos dos animais".

Segundo Barboza (2015), "os indígenas Guajajara têm como deus, o Tupã e todas as atitudes realizadas por eles são guiadas mediante o espiritual e a natureza, tais como: as etapas da vida (nascimento, adolescência e morte) e os meios de sobrevivência: plantio na terra, a pesca e a caça. Para esses indígenas qualquer acontecimento ruim que ocorre nas comunidades, como: doenças e colheitas destruídas são originadas por maus espíritos, chamados de os Àzàng. Contudo, a autora ressalta que atualmente essa perspectiva religiosa está passando por mudança, algumas comunidades estão voltadas para a religião evangélica e a prática de cultos evangélicos já estão presentes nas comunidades".

No que diz respeito às festas, Barboza (2015) apresenta festas que são e foram comemoradas pelos Guajajara, a saber: "a) cerimônias de transição: nessa festa estão inseridas duas comemorações, a festa do moqueado que se refere à transição das jovens da comunidade

para a etapa adulta, antes era celebrada também com pessoas do sexo masculino, no entanto, hoje está restrito apenas para as jovens que tiverem primeira menstruação. A outra festa é denominada festa dos rapazes onde ocorre a passagem do rapaz para fase adulta, o ritual acontece quando o pai percebe que seu filho está mudando a voz ou quando o mesmo completa 13 anos, dessa forma, o pai avisa as lideranças da comunidade e os mesmos avisam para os integrantes a realização da festa para que todos os rapazes que estejam na mesma fase participem da festa. Por meio da realização dessa festa se constituem novos líderes, caciques e guerreiros".

As cerimônias de transição é a única festa que ocorre entre os indígenas de Barra do Corda, visto que dentre os motivos para não realização das outras comemorações estão: ausência de tempo para o preparo e realização das festas, levando em consideração a integração dos Guajajara na economia regional do município e o esquecimento dos cânticos xamânicos. E, por último, b) as festas de proteção: nessa festa estão englobadas duas comemorações, a festa do mel realizada para proteção dos animais e a festa do milho realizada para proteção da plantação do milho.

Sendo assim, percebe-se que as festas dos Guajajara trazem consigo as suas tradições e costumes que marcaram suas vidas, além de fortalecer suas identidades, renovando e mantendo sua cultura. As festas também representam resistência às ameaças sofridas por aqueles que querem acabar com as tradições dos povos indígenas, que continuam lutando pelos seus direitos.

Discursos de ódio

Dentre as formas de violência estão os discursos de ódio, cada vez mais presentes na sociedade contemporânea. Os discursos de ódio carregam ações de intolerância e ódio direcionados para determinados grupos sociais, com objetivo de rebaixar e desumanizar as pessoas que fazem parte desses grupos, não sendo dignas de direitos estabelecidos pela sociedade.

A propagação constante de opiniões, ideias e (des)informações nas redes sociais é um dos principais motivos para disseminação de discursos de ódio. Conforme Recuero (2020), "as redes sociais são formadas por dois componentes fundamentais: os atores e suas conexões. Os atores são considerados pessoas, instituições ou grupos, sendo nomeados, os nós da rede, já as conexões são os laços sociais criados entre os atores no ambiente virtual".

Deste modo, as conexões promovem interações entre os atores, que devem seguir as políticas de uso estabelecidas por cada rede social, no entanto, as políticas de uso não são respeitadas por aqueles(as) que incentivam práticas de discursos de ódio, pois as redes sociais são contra qualquer tipo de violência e propagação do ódio. Além do que as políticas de uso não suficientes para combater os discursos de ódio, uma vez que conforme Cortezão (2017), "o usuário pode criar um perfil falso, e assim oferece uma sensação de proteção ao usuário devido ao anonimato, deste modo, disseminando discursos de ódio sem restrições e com poucas chances de ser punido, como resultado, reforça cada vez mais a intolerância e o ódio".

De acordo com Bragato e Silva (2021), "os discursos de ódio são resultados das relações coloniais de poder, tornou-se um legado moderno-colonial. Os discursos de ódio provocam estereótipos negativos associados a certos grupos sociais minoritários, que foram estabelecidos pela lógica da colonialidade". Entende-se colonialidade como conjunto de relações assimétricas de dominação, que surgiram no colonialismo, com base na naturalização de certos grupos hierárquicos sobre determinados grupos que foram explorados e dominados.

Para os autores, Bragato e Silva (2021), "as sociedades ocidentais modernas foram e continuam sendo estruturados pela colonialidade, isto não significa que todas as sociedades ocidentais modernas caracterizadas pela colonialidade estão marcadas por discursos de ódio, visto que a colonialidade se apresenta de diferentes maneiras. Todavia, todas as sociedades ocidentais modernas estabelecidas pela colonialidade expressam atitudes preconceituosas aos grupos minoritários". Além disso, percebe-se que a colonialidade resistir até hoje em todos os espaços sociais, tendo em vista, diversas notícias veiculadas nos jornais acerca dos discursos de ódio contra indígenas, negros etc. Discursos esses originados do discurso colonial em que o colonizador construiu imagens sobre colonizado para justificar suas ações no processo de

colonização. Por exemplo, os povos indígenas eram representados como selvagens, primitivos e bestiais. Esses e outros estereótipos eram usados sobre os povos colonizados para inferiorizá-los, degenerá-los e como empecilhos para o processo civilizatório da terra conquistada.

Assim, os discursos de ódio contra povos indígenas tornou-se uma prática contínua no Brasil, cujas ações discriminatórias são heranças da colonização europeia portuguesa, que por meio de um discurso colonial e depreciativo legitimaram narrativas estratégicas para defender e impor um sistema colonial. A partir do discurso colonial e depreciativo, os colonizadores estabeleceram diferenças entre as culturas dos povos indígenas com a cultura ocidental, resultando na inferioridade e negação das culturas indígenas, e na superioridade da cultura ocidental.

No Brasil, segundo Costa (2021), "os crimes de ódio são punidos, porém existe dificuldade em definir com exatidão o que seria discurso de ódio, visto que tais manifestações não se enquadrariam em apenas uma ação". Além de que no Brasil não há lei que proíba discursos de ódio, conforme Costa (2021), "apesar de que a Constituição da República de 1988 defenda a liberdade de expressão (art. 5º, IX,CR/1988), concomitante proíba a discriminação (art. 5º, XLI,CR/1988) e o racismo (art. 5º, XLII,CR/1988), além do mais tenha como princípio a dignidade da pessoa humana (art. 1º, III,CR/1988)".

Por último, os discursos de ódio são classificados em: a) discursos que incentivem o ódio contra sujeitos ou grupos sociais conforme sua raça; b) discursos que estimulem o ódio por causa da religião; c) discursos que incitam a intolerância fundamentada no etnocêntrico e ultranacionalismo feroz; d) discursos que incentivem o ódio contra o público LGBTQIA+ e sexismo, entre outros tipos.

ADC faircloughiana: três dimensões para análise do discurso

A análise de discurso crítica (ADC) é um campo de estudo que engloba diferentes vertentes e perspectivas, tais como a linguística de *corpus*, a histórico-discursiva, a análise de

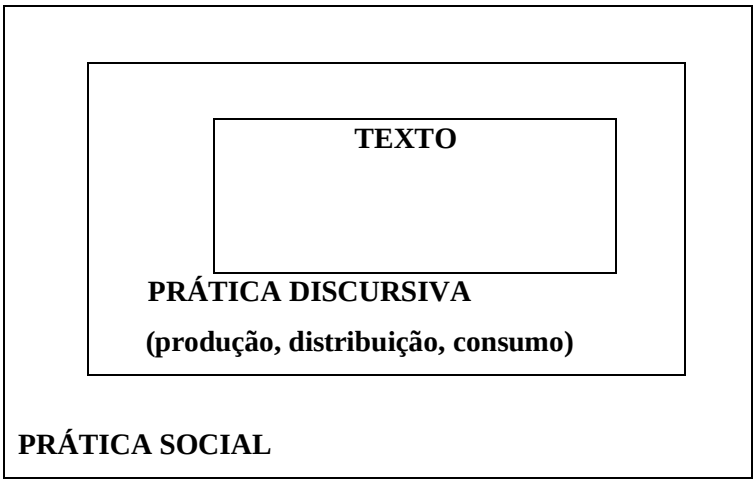
dispositivo, a teoria das representações dos atores sociais, a abordagem sociocognitiva e a teoria social do discurso.

Essas abordagens da ADC têm pontos em comum, como, a preocupação social, a pesquisa como instrumento combativo nas relações assimétricas de poder e a transdisciplinaridade. No entanto, de acordo com Batista, Sato e Melo (2018), "essas abordagens da ADC foram constituídas a partir de um mesmo grupo de estudos, desta maneira ocorreu um consenso entre os pesquisadores em denominar a abordagem teoria social do discurso, de Norman Fairclough, como a vertente representante da ADC, já que Fairclough é considerado o maior representante da ADC".

Neste estudo utilizamos a ADC faircloughiana para fundamentar nosso *corpus*. Fairclough (2001) "baseia sua análise em discurso através de dois aspectos: o linguístico e o social, importantes para o discurso e a linguagem". A análise da ADC faircloughiana acontece por meio de um quadro teórico-metodológico, de acordo com Fairclough (2001), "voltado para a pesquisa científica social, especificamente, para o estudo da mudança social".

No seu livro *Discurso e mudança social*, Fairclough (2001) "elabora um quadro teórico-metodológico denominado concepção tridimensional do discurso, que é formado por três dimensões analíticas, indispensáveis na análise do discurso: texto, prática discursiva e prática social". Observe:

Tabela 1 - Concepção tridimensional do discurso



Fonte: Fairclough (2001, p.105)

Conforme Fairclough (2001), "não é necessário seguir uma ordem de análise no seu modelo, o(a) pesquisador(a) pode iniciar pela análise da prática social ou análise do texto. A escolha da ordem dependerá dos objetivos da análise". Cada dimensão analítica possui categorias analíticas, como pode ser visto a seguir:

Tabela 2 - Modelo tridimensional do discurso

TEXTO	PRÁTICA DISCURSIVA	PRÁTICA SOCIAL
vocabulário	produção	**ideologia**
gramática	distribuição	sentidos
coesão	consumo	pressuposições
estrutura textual	contexto	metáforas
	força	**hegemonia**
	coerência	orientações econômicas,
	intertextualidade	políticas, culturais, ideológicas

Fonte: Resende e Ramalho (2004, p. 188)

"A base de análise da ADC é o texto, que a partir da formação do *corpus* possibilitará a investigação de textos de um dado gênero em um determinado período sócio-histórico, levando em consideração as práticas sociais que fazem parte do texto" (BATISTA, SATO E MELO, 2018).

De acordo com Fairclough (2001), "na análise do texto serão investigadas as seguintes categorias: a) vocabulário: refere ao mapeamento dos significados das palavras-chave, nas escolhas das palavras feita pelo sujeito e a criação de palavras; b) gramática: corresponde em analisar a transitividade (processos relacionais em que os verbos marcam relações entre os participantes, e os processos de ação realizados pelo agente), o tema (a informação dada ao ouvinte) e a modalidade (analisar o significado relativo das características da modalidade, as características das modalidades mais utilizadas (verbos modais, advérbios

modais etc.); c) coesão: mostra como as palavras e as frases estão conectadas no texto; e, d) estrutura textual: refere ao modo como o texto está estruturado".

Segundo Fairclough (2001), "na análise da prática discursiva irá investigar os elementos envolvidos na produção, distribuição e consumo do texto. Na produção será observada a interdiscursividade (investigar os tipos de discurso que estão interligados no evento discursivo em análise) e intertextualidade (analisar como os outros textos estão organizados na formação do texto em análise), já a distribuição investigará as cadeias intertextuais, que são conjuntos de distintos textos que são transformados regulamente a partir da relação com outros textos que estão enquadrados na mesma série, sendo assim, analisa os tipos de transformações textuais. No consumo do texto, observar a coerência (como os textos são interpretados e o trabalho de compreensão solicitado) e a força do texto, já que é seu elemento acional, desempenha uma ação social, que o ato de fala realiza (prometer, pedir, ameaçar etc.)". E, por fim, as condições da prática discursiva correspondem à identificação das práticas sociais de produção e consumo do texto, se o texto é produzido e consumido de forma individual ou coletiva.

Por último, de acordo com Fairclough (2001), "a análise da prática social investiga a relação ideologia e hegemonia. As ideologias são representações de componentes da realidade, que são concebidas em várias dimensões e formas das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a mudança das relações de poder". Já a hegemonia é definida como um poder particular de uma das classes sobre as demais, fundamentada na concessão que o grupo dominante faz aos grupos minoritários com o propósito de manter o poder, desta forma, a hegemonia é um campo constante de disputa, nunca atingindo um poder estável. Assim, na análise da prática social se deve analisar as relações e as organizações sociais e hegemônicas que formam a matriz discursiva da prática discursiva e social.

Análise dos dados

Nesta seção apresenta-se a realização da análise das transcrições referentes aos áudios de discurso de ódio contra indígenas Guajajara. Observe:

Sujeito I: boa noite aí meu povo...de Barro do Corda...é...mas ainda tem gente que fica defendendo índio ainda...rapaz...índio não quer trabalhar...qualquer coisinha quer saquear...quer fechar BR...ainda tem gente que é contra Bolsonaro...porque...o Bolsonaro ele...uhn...num...alisa índio não...agora tem um monte de índio pedindo terra...terra... e não planta nada...não trabalha...e quer tá é...na cidade...índio tem que tá é no mato...ohn rapaz...qualquer coisinha fica saqueando...fica fechando BR...assaltando...Isso é um bando de ladrão...rapaz isso aí é um bando de safado...o Bolsonaro tem que meter a bala...tacar mesmo nesse bando de índio vagabundo...que fica querendo terra...terra...aí não faz nada...tem que meter a faca...por isso eu sou a favor do Bolsonaro...Bolsonaro...mesmo porque Bolsonaro não alisa não...negócio de índio qualquer...índio não tem direito de nada não...índio é igual a gente...porque eles são melhor do que a gente? Qualquer coisinha...índio pinta e borda e não acontece nada com os índios...principalmente esses daí...do Barro da Corda...que são um bando de vagabundos...safados...ohn...ohn...já tem que mandar...buscar longo...é a Força Nacional ou então a Federal...para liberar essa BR...qualquer coisinha aí rapaz esses índios ficam roubando...ficam saqueando carros...ficam matando...rapaz índio não é Deus não...moço...essas merdas aí não tem influência nenhuma no Barro da Corda...e só vivendo a custa da população aí...porque trabalhar...não trabalham...só querem ficar saqueando...só querem está bebendo cachaça...só vendendo droga...fumando maconha...é só para quer serve esses índios do Barro da Corda...Grajaú...essa região aí...tudo é um bando de safado...eu nasci e me crie no Barro da Corda...e nunca esses índios influência em nada em Barro da Corda...só faz o que não presta aí...aí ainda tem gente que apoia um bando de vagabundos...desses índios aí...qualquer coisinha fica saqueando as coisa do outro...roubando...matando...ainda tem gente que apoia.

Fonte: Amazônia Real (2019).

Iniciando a análise pela análise textual o sujeito I começa saudando os participantes, moradores de Barra do Corda, que participam do grupo de uma rede social. Em seguida inicia seu discurso de ódio contra Guajajara, utilizando expressões e palavras pejorativas para referir à comunidade, como: “índio tem que tá é no mato”, “bando de ladrão”, “bando de safado”, “índio vagabundo”, “essas merdas”, “só vivendo a custa da população aí...porque trabalhar...não trabalham”, entre outros. Observa-se que o sujeito emprega adjetivos discriminatórios na voz ativa, sempre desfavorecendo os Guajajara, construindo uma imagem negativa desses indígenas. Já na análise discursiva, percebe-se que esse discurso de ódio é construído a partir de outros discursos sobre os povos indígenas brasileiros, caracterizando a categoria da interdiscursividade, por exemplo, quando o sujeito diz “índio é igual a gente” se articula com o discurso “o índio é um ser humano exatamente igual a nós” dito pelo atual

presidente da República Jair Bolsonaro[3], numa live em uma rede social no ano de 2020. Estes dois discursos vão de encontro a outro discurso "índio não é gente", um discurso enraizado desde a colonização do Brasil, que enxerga o indígena como um animal, um ser selvagem, isolado da sociedade. Ademais, nota-se que o sujeito I constrói seu discurso de modo individual, mas baseado em outros discursos advindos da sua experiência pessoal que será complementado por outros participantes do grupo.

Partindo para análise social, a fala do sujeito I revela uma ideologia racista e xenofóbica, uma vez que sua posição é de acordo com pensamento de Bolsonaro, quando ele diz: "por isso eu sou a favor do Bolsonaro...Bolsonaro...mesmo porque Bolsonaro não alisa não...negócio de índio qualquer...índio não tem direito de nada não", visto que o presidente dissemina um discurso sub-humanidade a existência indígena, com comentários racistas e ofensivos. Por fim, o sujeito I respalda numa hegemonia estrutural da sociedade brasileira que sempre colocou os indígenas em uma posição de inferiorização, ou seja, uma hegemonia branca sobre uma hegemonia indígena, que fortalece seu discurso de ódio com as ações do presidente Jair Bolsonaro, uma figura hegemônica.

Sujeito II: é isso aí mano...eu não sei seu nome não...mas uma boa noite pra você...você falou a verdade...é isso aí...a gente tem que se a favor de Bolsonaro...ele tem que meter a faca nesses índios...mandar matar é tudo...esses índios...entendeu? Tem que meter a faca é em tudo.

Fonte: Amazônia Real (2019).

Na análise textual nota-se que o sujeito II saúda o sujeito I, ele diz apoia a ideia do sujeito I assim como o pensamento do presidente Bolsonaro e ressalta aos demais participantes do grupo que todos devem apoiar Bolsonaro, quando diz "a gente tem que se a favor de Bolsonaro". Além disso, o sujeito propõe ao presidente Bolsonaro o extermínio dos indígenas Guajajara de Barra do Corda, quando emprega os modalizadores verbais "meter a faca', "mandar matar". Já análise discursiva o sujeito II, cria um discurso para complementar o discurso do sujeito I e para que os outros participantes saibam seu posicionamento, como já dito anteriormente sugere a Bolsonaro a erradicação dos Guajajara, que por sua vez está

3 Disponível em: https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/24/cada-vez-mais-o-indio-e-um-ser-humano-igual-a-nos-diz-bolsonaro-em-transmissao-nas-redes-sociais.ghtml. Acesso em: 26 jun. 2021.

relacionado com discurso do presidente, publicado no jornal Correio Braziliense, 12 de abril de 1998, quando Bolsonaro diz: "pena que a cavalaria brasileira não tenha sido tão eficiente quanto à americana, que exterminou os índios"[4]. Nota-se que os dois discursos mantêm uma relação ideológica de exterminar os indígenas em que o discurso do sujeito II complementa o discurso do presidente, apresentando uma interdiscursividade entre os dois discursos. Por último, na análise social o sujeito II demonstra apoio aos princípios ideológicos do presidente Jair Bolsonaro referente aos povos indígenas.

Sujeito I: rapaz...esses índios são tudo...aqui em Brasília...moça...eles ficam impedindo...impedindo de...construir as coisa...invés deles ir pro mato...essas pragas que ficam...é aqui no meio da cidade grande...aqui no Noroeste...aqui...tem um bando de prédio...eles querem interromper...deixar as pessoas desempregado...querem embarcar as obras...pra tá no meio da cidade...índio tem que tá é no mato...igual o que (o) Bolsonaro falou.

Fonte: Amazônia Real (2019).

Começando pela análise textual, o sujeito I usa o pronome "tudo" para englobar os demais indígenas brasileiros, uma vez que segundo ele os povos originários deveriam está no mato, em seguida emprega a palavra "pragas" no sentido de dizer que são animais nocivos que destroem e perturbam propriedades humanas, posteriormente para embasar seu posicionamento, diz um exemplo, que na cidade grande, os povos indígenas atrapalham, interrompem, querem embarcar e deixam as pessoas desempregadas. Por isso, para o sujeito I, os indígenas brasileiros devem ficar longe dos centros urbanos, indo para as matas.

Na análise discursiva, ressalta-se a expressão "índio tem que tá no mato", essa frase representa um discurso de ódio contra indígenas que é circulado e reproduzindo em um contexto de discriminação com a finalidade de inferiorizar os povos originários, um tipo de discurso que pendura por séculos, sempre sendo reproduzindo por outros sujeitos, tendo como exemplo, "Ô companheiro...isso...daí só é índio...rapaz...não é gente...não...", isto aconteceu

4 Disponível em: https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/12/06/verificamos-bolsonaro-cavalaria/. Acesso em: 27 jun. 2021.

em julho de 2020 com os indígenas Xavantes [5]da comunidade General Carneiro, Mato Grosso, que receberam discursos de ódio da população residente na região.

Por fim, na análise discursiva o sujeito I reforça a ideologia de uma parcela da população brasileira que acredita que os povos originários devem permanecer no período de 1.500 anos, sendo tratados como selvagens, sem o contato com a sociedade. Assim, constrói uma representação ideológica estática do indígena brasileiro, um ser não civilizado, que é constantemente reproduzindo e mantido no grupo social hegemônico.

Sujeito IV: meu amigo é desse jeito aí...esses índios são safados demais...rapaz esses índios da Corda...daqui...eles fazem tudo pra ganhar cem reais...tu entendeu? Bloqueia BR...que matar...ohn...brancos...diz que não é índio...aí pagar pros ( ) miseráveis desse...mior é morrer de fome...tudi... essas carniças...o Bolsonaro era pra soltar...o...o...exército...o Bolsonaro era pra soltar os exército no meio da mata...três ( ) ou umas cinquenta carreta...de...dar...da Polícia Militar...Civil...o exército...no meio da mata...pra matar tudo...o quanto era de índio...Força Nacional...que era pra viver mais nenhum índio na terra...nessa face da terra...que era pra matar tudo...isso era pra que ele fazer...esses índios são tudo sem vergonha demais...rapaz.

Fonte: Amazônia Real (2019).

Iniciando pela análise textual, o sujeito IV diz que os Guajajara são indígenas safados, já que fazem de tudo para ganhar cem reais, diz que os mesmos bloqueiam a BR e pedem dinheiro aos condutores para os carros passarem, além do mais, ele chama os indígenas Guajajara de miseráveis por fazerem essas ações e diz que eles deveriam morrer de fome, chamando os mesmos de carniça, nota-se que o sujeito IV usa esse termo no sentido para falar possivelmente que os Guajajara são seres podres, nojentos e a solução para resolver o problema seria o presidente da República, Jair Bolsonaro, enviar os exércitos com umas cinquenta carretas das Polícias Militar e Civil, mais a Força Nacional para matar os indígenas não só de Barra do Corda, mas do mundo.

Na análise da prática discursiva, o sujeito IV foca o seu discurso de ódio na exterminação dos indígenas brasileiras, concordando com os sujeitos I e II, logo a uma interdiscursividade no seu discurso, nota-se que o discurso do sujeito IV representa o discurso que originou no período de colonização do Brasil quando milhares de indígenas foram

5 Disponível em: https://oglobo.globo.com/epoca/brasil/isso-nao-gente-os-audios-com-ataques-indigenas-na-pandemia-que-se-tornaram-alvos-do-mpf-24552614. Acesso em: 01 jul. 2021.

exterminados, perderam suas terras e obrigados a cultuar uma cultura que não era a deles, pelo simples fato do projeto capitalista dos colonizadores. Percebe-se que esse discurso de ódio com o objetivo de exterminação é contínuo, só muda os sujeitos e as formas de dizeres, sendo complementando ou reproduzindo. Na análise social, verifica-se no discurso do sujeito IV uma ideologia racista e xenofóbica que está centrada nas relações de poder pertencente a uma hegemonia que se considera superior aos povos indígenas, respaldados pelos aspectos sociais e culturais da formação da sociedade brasileira.

Considerações finais

Considera-se a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da análise de discurso crítica que os sujeitos analisados usaram diferentes palavras pejorativas para referir aos indígenas Guajajara, como: safado, vagabundo, pragas, merdas, carniças com o propósito de inferiorizar essas indígenas, dessa forma, se constitui uma identidade negativa dos Guajajara. Além do mais, empregaram verbos que expressam ação de algo, como: mandar, meter, matar, essas palavras foram usadas no sentido de exterminação dos povos indígenas Guajajara, que, aliás, de modo geral, infelizmente, o genocídio dos povos indígenas brasileiros ainda persiste na sociedade contemporânea.

Observa-se que a união dessas palavras com outras construíram significações de relações de poder sobre um grupo minoritário, que sempre esteve à margem da sociedade, lutando pelos seus direitos. Os discursos de ódio construídos pelos sujeitos analisados é um reflexo do que acontece com milhares de indígenas espalhados no Brasil. Os discursos de ódio contidos nos áudios que circulou numa rede social foram produzidos por pessoas não indígenas com o propósito de incitarem ideias de discriminação e violência contra os Guajajara. Esse tipo de discurso se faz presente no meio social, uma vez que ele está enraizado na constituição do Brasil, sendo frequentemente reproduzido e consumido por sujeitos com pensamentos ideológicos afins, desta forma, como se percebe na análise, a interdiscursividade presente nos discursos de ódio investigados. Além disso, os áudios dos sujeitos apresentarem uma ideologia racista e xenofóbica, pois desconsideram a existência

indígena enquanto ser humano e sua cultura, ademais, uma hierarquização por considerarem pessoas melhores que os indígenas Guajajara, pensamento formado socialmente, advindo de uma hegemonia que estabeleceu os povos originários como seres inferiores, não dignos de direitos.

Sendo assim, são necessárias ações punitivas mais eficazes contra sujeitos que incitem discursos de ódio contra as populações indígenas brasileiras, uma vez que a sociedade hegemônica tem desprezo pela questão indígena. Além disso, o discurso de ódio é direcionado para aqueles que devem ser eliminados, visto que são colocados como componentes negativos, por isso, é preciso proteger e apoiar os povos originários, que contribuíram e contribuem para a formação da identidade brasileira.

Referências

BARBOZA, T. M. **Língua Guajajara**: um estudo dos fenômenos linguísticos induzidos pelo contato com o português. 2015. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Estadual de Mato Grosso, Cáceres, 2015.

BATISTA, J. R. L.; SATO, D.T.B; MELO, I. F. (orgs.) **Análise de Discurso Crítica para linguistas e não linguistas**. São Paulo: Parábola, 2018.

BRAGATO, F. Frizzo; SILVA, B. M. da. Bolsonaro, os índios e os discursos discriminatórios. **Empório do Direito**. São Paulo, 29 jun. 2020. Coluna Empório Descolonial. Disponível em: https://emporiododireito.com.br/leitura/bolsonaro-os-indios-e-os-discursos-discriminatorios. Acesso em: 01 nov. 2021.

BRAGATO, F. Frizzo; SILVA, B. M. da. Discursos de ódio: uma análise à luz da colonialidade. **Rev. Faculdade de Direito**, v.45, n. 1, p. 1-35, 2021.

BRASIL. Lei nº 13.709, de 14 de agosto de 2018. **Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD)**. Dispõe sobre a proteção de dados pessoais e altera a Lei nº 12.965, de 23 de abril de 2014 (Marco Civil da Internet). Diário Oficial da União 2018; 15 ago. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/Lei/L13709.htm . Acesso em: 20 out. 2021.

BRASIL. Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016. **Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 24 maio 2016. Disponível em: http://bit.ly/2fmnKeD. Acesso em: 20 out. 2021.

CORTEZÃO, R. H. Sociedade em rede e discurso de ódio na Amazônia: estudo de caso dos ataques aos índios Tenharim no Facebook. *In*: XVI CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORTE – MANAUS – AM DA SOCIEDADE

BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO – INTERCOM, 2017, Amazonas. **Anais** [...]. Amazonas, 2017.
COSTA, A. A. **Liberdade de expressão vs. Discurso de ódio:** uma questão de (in)tolerância. Belo Horizonte: Editora Dialética, 2021.
FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.
FARIAS, E. Mal enterraram seus parentes, Guajajara sofrem ameaças de morte pelas redes sociais, no Maranhão. **Amazônia Real**. 09 dez. 2019. Disponível em: https://amazoniareal.com.br/mal-enterraram-seus-parentes-guajajara-sofrem-ameacas-de-morte-pelas-redes-sociais-no-maranhao/. Acesso em: 18 jun. 2021.
INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICA (IBGE). Os indígenas no Censo Demográfico 2010. Disponível em: https://indigenas.ibge.gov.br/estudos-especiais-3/o-brasil-indigena/linguas. Acesso em: 20 de jun. 2021.
INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICA (IBGE). Barra do Corda, Maranhão – 1971. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/762/col_mono_n552_barradocorda.pdf. Acesso em: 19 de jun. 2021.
MAGALHÃES, C. M. A Análise Crítica do Discurso enquanto Teoria e Método. *In:* MAGALHÃES, C. M (org.). **Reflexões sobre a análise crítica do discurso**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2001. v. 1. p. 12-15.
MAGALHÃES, M.C. Apresentação. *In*: VIEIRA, J.A. *et al*. **Olhares em análise de discurso crítica**. Brasília, 2009.
ONUMMA, F. M**. Contribuição da análise crítica do discurso em Norman Fairclough para além de seu uso como método:** novo olhar sobre as organizações. Revista Organizações & Sociedade, n. 27(94), p.585-607, 2020.
PEDROSA, C. E. F.; OLIVEIRA, D.M.; DAMACENO, T. M. S. S . Caminhos Teóricos e Práticos em Análise Crítica do Discurso. *In:* XII CONGRESSO NACIONAL DE LINGUISTICA E FILOLOGIA, nº XIV, 2010, Rio de Janeiro. **Anais [**...]. Rio de Janeiro: Instituto de Letras da UERJ, 2010. p. 645-693. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xiv_cnlf/tomo_1/646-691.pdf. Acesso: em 06 abr. 2021.
POVOS INDÍGENAS NO BRASIL. **Guajajara**. 2021. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Guajajara. Acesso em: 20 jun. 2021.
RECUERO, R. Os elementos das redes sociais na internet. *In*: RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2020. p.25-44.
RESENDE, V. M.; RAMALHO, V. Análise de Discurso Crítica, do modelo tridimensional à articulação entre práticas: implicações teórico-metodológicas**. Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão - Santa Catarina, v. 5, n.2, p. 185-208, 2004.
RESENDE, V. M.; RAMALHO, V. **Análise de discurso crítica**. São Paulo: Contexto, 2014.
SAUAIA, A. S. S.; TAVARES, R. L. G. A construção de novos saberes no âmbito da Lei Maria da Penha: uma análise crítica do discurso jurídico na dialética de Norma Fairclough. **Revista da Faculdade de Direito da UFRGS,** Porto Alegre, n. 35, p. 116-136, dez. 2016.
SILVA, L. R. L. **Discurso de ódio no Facebook:** a construção da incivilidade e do desrespeito nas *fanpages* dos deputados Jair Bolsonaro, Marco Feliciano e Rogério Peninha

Mendonça. 2018. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal do Paraná. 2018.
SILVA, V. R.; SILVA, I. L. Breve panorama histórico da Análise Crítica do Discurso. **Ao Pé da Letra**, v. 19.1, p. 53-77, 2017.
VARALLI, J. D.; SANTOS, M. A. M. O 'discurso do ódio', meio ambiente digital e saúde ambiental. **Atas de Saúde Ambiental** - ASA, v. 03, p. 26-47, 2015.

ZANNONI, Claudio. **Conflito e coesão:** o dinamismo Tenetehara**.** Brasília: CIMI (Conselho Indigenista Missionário), 1999.